



TRAJETÓRIAS DE (RE)EXISTÊNCIAS ESPIRITUAIS DE INDÍGENAS DO POVO PURI LGBTQIA+

Trajectories of (re)existence of Indigenous puri LGBTQIA+

Kigéw Puri (André da Silva Muniz)¹

Resumo: Diversos povos indígenas foram declarados extintos em decorrência do genocídio e, sobretudo, etnocídio promovido pelo avanço da invasão europeia e seus descendentes sobre o solo que hoje é chamado de Brasil, entre eles o povo Puri. Apesar de uma narrativa oficial de extinção desse povo, no censo do IBGE de 2010, 675 pessoas se autodeclararam Puri. Essa população, em um processo denominado de etnogênese, tem buscado reconstruir práticas originárias tradicionais desta etnia que foram silenciadas pelo processo colonial. Estão atualmente organizados em três comunidades diferentes em Minas Gerais e marcam presença na Aldeia Marakanã (multiétnica), situada no Rio de Janeiro, além de realizar encontros presenciais e mobilizar comunidades virtuais em que trocam contatos e experiências. Essas pessoas, que têm em comum a ancestralidade Puri, são diversas entre si e possuem identidades de gênero e orientações sexuais distintas, que invariavelmente aparecem neste processo de ressurgência étnica. Portanto, neste trabalho, que apresenta partes de uma pesquisa de mestrado em andamento, busco refletir sobre as re-existências dessas pessoas que interseccionam as identidades indígena puri e LGBTQIA+ no campo da espiritualidade.

Palavras-chave: Povo Puri. Espiritualidades indígenas. Gênero e Sexualidade.

Abstract: Several indigenous peoples have been declared extinct due to genocide and, above all, ethnocide promoted by the advancement of European invasion and their descendants on the land now known as Brazil, including the Puri people. Despite an official narrative of the extinction of this people, in the 2010 IBGE census, 675 individuals identified themselves as Puri. This population, in a process known as ethnogenesis, has sought to reconstruct the traditional practices of this ethnicity that were silenced by the colonial process. They are currently organized into three different communities in Minas Gerais and have a presence in the Marakanã Community (multiethnic), located in Rio de Janeiro. They also hold in-person meetings and mobilize virtual communities where they exchange contacts and experiences. These people, who share the Puri ancestry, are diverse among themselves and have different gender identities and sexual orientations, which invariably emerge in this process of ethnic resurgence. Therefore, in this work text, which presents parts of an ongoing master's research, I seek to reflect on the re-existences of these people who intersect the Puri indigenous and LGBTQIA+ identities in the field of spirituality.

¹ Graduada em Teologia (FLAM), com especialização em Antropologia (Unyleya) e mestranda em Ciências Humanas e Sociais na UFABC. E-mail: andre.muniz@ufabc.edu.br



Keywords: Puri People. Indigenous Spiritualities. Gender and Sexuality.

INTRODUÇÃO²

Resistindo e re-existindo contra uma narrativa que, desde o século XIX, nos declara como um povo extinto, estamos nós, os descendentes do povo Puri. Nossos ancestrais eram nômades, caminhavam principalmente nas bacias dos rios atualmente chamados de Doce e Paraíba do Sul, bem como na região das serras da Mantiqueira e dos Arrepiados e nessa mesma altura na costa – nosso território tradicional compreende o que são, na contemporaneidade, os quatro estados do Sudeste³. Vivíamos da caça, pesca e coleta, em pequenos clãs que praticavam também uma agricultura em pequena escala.

Entretanto, nossa história foi interrompida pela invasão europeia que iniciou em 1500. Por meio de violências de toda ordem – cultural, econômica, social – a política europeia sobre nossos corpos e territórios se empenhou na desarticulação das nossas sociedades e modos de vida tradicionais, nossa espiritualidade, e inclusive nossas compreensões sobre o corpo e a sexualidade⁴. Isso exigiu a condenação e supressão de formas de organização social nativas, além de práticas sexuais, epistemologias, subjetividades e nossas formas próprias de se relacionar com nossos corpos e sexualidades. Este processo histórico deixa suas marcas ainda hoje, principalmente naqueles dentre nós que são percebidos ou que se percebem como LGBTQIA+ - sofremos com o racismo por reafirmarmos nossa identidade indígena, e

² Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento na UFABC, sob o título provisório de “Trajetórias de re-existência de puris LGBTQIAPN+ no lócus (ainda) fraturado da diferença neoliberal”, com orientação da Dra. Bruna Mendes de Vasconcellos e coorientação da Dra. Raial Orotu Puri.

³ BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Os Puri**. Vitória: Editora Milfontes, 2017. (História dos Povos Indígenas no Espírito Santo).; RAMOS, Melissa Ferreira. **Re-existência e ressurgência indígena: diáspora e transformações do povo Puri**. 2017. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017.

⁴ LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-377.



também com a homofobia (e transfobia, bifobia etc.), muitas vezes até por parte de outros indígenas, influenciados pelo pensamento colonial e cristão que lhes foi imposto⁵.

Assim, ao ingressar no mestrado em Ciências Humanas e Sociais na UFABC, escolhi como objeto de minha pesquisa a trajetória de (re)existência de pessoas indígenas do povo Puri que se identificam como LGBTQIA+ na atualidade, vivendo em uma sociedade na qual os efeitos da colonialidade ainda podem ser sentidos. O silenciamento histórico supracitado teve como um de seus efeitos a falta de uma bibliografia considerável não apenas sobre gênero e sexualidade entre indígenas puris, bem como da própria etnia em si, de modo que optei pela utilização do método autoetnográfico, uma vez que eu mesma sou uma bicha de descendência puri. A autoetnografia é também uma escolha político-epistêmica, visto que tem sido utilizada por muitos intelectuais e acadêmicos indígenas como uma metodologia que se aproxima das epistemologias dos povos originários, o que permite intelectuais como Paul Whitinui, do povo Maori, falarem em uma “autoetnografia indígena”, construída a partir de questões próprias dos povos originários⁶. Outra escolha política-epistemológica foi a de subverter a grafia tradicional dos etnônimos indígenas sempre no singular e com letra maiúscula, o que nos diferencia injustificadamente de outros povos e etnias aos quais essa convenção não se aplica (judeus, bascos, chechenos etc.), mantendo o singular maiúsculo apenas quando se fala da coletividade, isto é, do povo Puri.

Neste trabalho, de caráter mais ensaístico, viso adiantar algumas hipóteses que surgem das análises de uma pesquisa que se encontra em andamento, onde reflito sobre os aspectos espirituais e religiosos da resistência de indígenas do povo Puri, em especial aqueles dentre nós que se identificam como LGBTQIA+. A busca

⁵ FERNANDES, Estevão R. “**Existe índio gay?**”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

⁶ WHITINUI, Paul. Indigenous Autoethnography: Exploring, Engaging and Experiencing ‘Self’ as a Native Method of Inquiry. **Journal of Contemporary Ethnography**, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 456-487, 2013.



pela reafirmação e retomada das tradições espirituais que recebemos de nossos ancestrais, para este grupo específico, apresenta um papel importante de contribuir com a reinterpretação de nossas próprias identidades de gênero, orientações e práticas sexuais. Para tanto, inicialmente construí um panorama histórico do povo Puri, desde seu apagamento no discurso oficial até sua luta por reconhecimento em anos recentes. Em seguida, apresento uma descrição teológica da cosmologia puri, construída a partir dos dados (auto)etnográficos colhidos no decorrer da minha pesquisa, em ritos religiosos, encontros, reuniões, conversas informais e entrevistas formais; e também na documentação histórica e na produção teórica e artística de outros puris. A partir deste material, no terceiro bloco, procuraremos elementos para interpretar como as percepções teológicas e cosmológicas de indígenas do povo Puri LGBTQIA+ se incluem num quadro maior de re-existências tanto em relação às dissidências de gênero e sexualidade, quanto em relação à etnicidade.

O POVO PURI E NOSSO PROCESSO DE RETOMADA ÉTNICA

A antropóloga argentina Rita Segato traz contribuições muito importantes para entender o que define um grupo de pessoas como uma parte de um mesmo “povo”. Rejeitando uma definição que tem a cultura como seu foco, uma vez que culturas são vivas e em constante transformação, Segato compreende que “um povo é o projeto de uma história compartilhada”⁷. Essa definição ajuda a compreender os processos de etnogênese, resistência e re-existência que tem trazido à tona diversos povos antes dados como extintos. Se muitos dos elementos culturais que marcavam os puris enquanto povo antes da invasão se perderam com o tempo, isso não nos torna menos povo, visto que também os portugueses hoje já não vivem como viviam seus ancestrais quinhentos anos atrás (e nem por isso é dito que o povo português está extinto). Nós, descendentes do povo Puri, temos uma história compartilhada a qual

⁷ SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 92.



nos reconhecemos enquanto parte, e que nos diferencia do projeto histórico nacional fundado no apagamento da ancestralidade indígena em prol de uma suposta identidade brasileira. Assim, para analisar os aspectos cosmológicos da cultura puri que se mantêm vivos na contemporaneidade, é importante entender o processo histórico no qual nosso povo se insere e que nos identifica enquanto tal.

O povo Puri foi notado ainda nas primeiras incursões europeias no território que outros povos chamavam de Abya Yala, e que os europeus posteriormente nomearam como América; mas conforme os impérios invasores avançaram sobre estas terras, nossos ancestrais se embrenharam mais e mais no interior das florestas e matas para fugir dos colonizadores⁸. Ainda assim eram assediados pelos europeus e seus descendentes, dentre eles missionários que os levavam para aldeamentos jesuítcos onde seriam catequizados e, através da perda de seus elementos culturais, “civilizados”; bem como proprietários de terras, que os capturavam para serem escravizados ou, com a abolição da escravatura (ao menos na legislação), para trabalharem em regime análogo à escravidão⁹. Mesmo para as elites das cidades e vilas que começaram a se formar onde antes era território indígena, tornou-se interessante tirar essas pessoas da mata, para serem transformadas de indígenas em trabalhadores pardos e pobres. As pessoas desta etnia que tinham anatomia feminina sofreram com estupros e casamentos forçados, nos quais foram obrigadas a criarem seus filhos na cultura de seus estupradores¹⁰.

Enquanto “pardos”, os puris e seus descendentes não teriam mais direito sobre seus territórios, que assim ficariam livres para serem desmatados e transformados em terras para o agronegócio e a mineração. Quanto mais as florestas eram derrubadas, mais difícil se tornava para o povo Puri manter seu estilo de vida tradicional, o que gerou uma diáspora dessas pessoas para as cidades e vilas, atrás

⁸ BENTIVOGLIO, 2017; RAMOS, 2017.

⁹ OLIVEIRA, Tatiana Gonçalves de; COSTA, Henrique Antônio Valadares. Os Puri no sul do Espírito Santo: ocupação, territorialização e trabalho compulsório. **Habitus**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 462-475, 2019.

¹⁰ RAMOS, 2017.



de empregos que, por mais mal pagos e insalubres que fossem, ao menos permitiriam a sua sobrevivência¹¹. No convívio com os não-indígenas, a negação das próprias origens étnicas aparentava ser, talvez, a única forma de evitar o preconceito – o que muitas vezes não adiantava, pois mesmo sem se assumirem indígenas, essas pessoas ainda eram subalternizadas e vítimas de racismo, visto que hábitos e práticas culturais e/ou religiosas, históricos familiares conhecidos na região ou mesmo traços fenotípicos denunciavam a ancestralidade indígena. Tais violências levaram muitas dessas pessoas a introjetarem uma auto rejeição em relação à sua própria etnia que não os permitia passar suas tradições culturais adiante. Por conta de todas essas violências e opressões, os puris foram desterritorializados; sua língua, silenciada (vale lembrar que o Marquês de Pombal proibiu as línguas indígenas em 1758); diversas tradições culturais, como cantos e ritos, esquecidas; e por fim, o povo foi declarado extinto¹².

Ainda desarticulados enquanto povo, desterritorializados e com a língua reduzida a apenas umas poucas palavras, nossos ascendentes continuaram a repassar tradições através das gerações, às vezes sem nem perceber. Histórias, crenças, o uso de plantas medicinais, alimentação, técnicas de cultivo e muitas outras tradições culturais permaneciam sendo transmitidas mesmo quando o Estado dizia que a etnia estava extinta. Assim, com o avanço dos direitos indígenas no Brasil e no mundo, marcados pela Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, a Convenção nº 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e a promulgação da Constituição de 1988, as etnias nativas conquistaram importantes direitos, como a autodeterminação, que foram cruciais para que 675 pessoas se declarassem Puri no censo do IBGE de 2010.

Essas pessoas, bem como eu e muitas outras que vêm se declarando Puri nos últimos anos, nos encontramos em diversos lugares e contextos (urbanos, rurais

¹¹ RAMOS, 2017.

¹² BENTIVOGLIO, 2017; RAMOS, 2017.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



e semirurais) e alguns de nós vivem em aldeias de outras etnias. Contudo, nos reunimos em encontros e eventos como a Troca de Saberes, organizada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), que há muitos anos conta com o povo Puri na sua composição. Além disso, há três comunidades de nossa etnia, uma em Padre Brito, distrito da cidade de Barbacena; outra no município de Araponga e outra em Aimorés, as três em Minas Gerais. A presença Puri também pode ser notada na Aldeia Marakanã, uma aldeia multiétnica no centro do Rio de Janeiro¹³. Recentemente, chegou ao meu conhecimento que uma nova aldeia de nossa etnia está sendo construída em Mairiporã – SP, e algumas pessoas do nosso povo já vivem no local.

Antigamente, os puris se organizavam em clãs, algo que se repete na atualidade – obviamente de uma forma muito diferente. Os “clãs” são demarcados por diversas organizações, instituições e grupos, que dialogam e marcam presença nas redes sociais, em páginas de Instagram e Facebook e grupos de WhatsApp. Entre os principais grupos puris estão o Movimento de Ressurgência Puri (MRP), que organizou o Centro de Memória do Povo Puri (On-line); o grupo Teyxokawa, que criou o projeto “Txemim Puri: fortalecimento e registro do kwaytikindo” (como este clã chama a língua puri revitalizada); e o Movimento de Retomada Puri Uxo Txori, da Zona da Mata mineira.

As ações de retomada indígena podem se dar de formas e em espaços muito variados. Assim, os puris retomam territórios tradicionais, práticas culturais, seu idioma, sua medicina, espiritualidade e muitos outros elementos silenciados no passado. Além disso, nosso povo tem demarcado também a academia, através da produção de conhecimento, em pesquisas, grupos de estudo, artigos, ensaios, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações; e a literatura, através da publicação de contos, poemas e livros, como a Coleção Semear – uma coleção de livretos, alguns deles bilíngues (português-puri) – produzida em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro; e também a música, no caso dos

¹³ RAMOS, 2017.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



artistas Dauá Puri, Xipu Puri, Eloá Puri e Siba Carvalho, todos com álbuns disponíveis em diversas plataformas de áudio na internet.

E é nesse cenário maior de luta por reconhecimento e autodeterminação que eu também me encontro. Embora hoje eu esteja no programa de pós-graduação de uma universidade federal, partindo de uma metodologia autoetnográfica para a construção de uma pesquisa sobre o povo Puri, o reconhecimento da minha identidade enquanto indígena e a reaproximação das minhas origens étnicas se deram em anos recentes e exigiram um processo próprio de retomada pessoal, análogo à (re)existência supracitada do povo Puri como todo. Os diferentes espaços de retomada apontados, como a literatura (acadêmica ou não) e a arte, ao mesmo tempo que participam e participaram da minha caminhada através reconhecimento étnico, hoje também são espaços que retomo e ocupo coletivamente com meus satê (isto é, irmãos e irmãs de etnia).

Desde 2020, tenho me reunido com outras pessoas de ancestralidade Puri, ingressei em grupos de Facebook e WhatsApp, e participo de encontros presenciais e grupos de estudo da língua e da cultura Puri. Me identifiquei mais proximamente com o clã Krauma Puky, que começou como um grupo de troca e diálogo entre pessoas puris diferentes lugares do Brasil no WhatsApp e hoje tem se fortalecido enquanto um grupo independente. Me aproximei e construí amizades com diversos satê, muitos deles, inclusive, LGBTQIA+. Nos diálogos com essas pessoas, inclusive entrevistas e reuniões em grupo feitos para essa pesquisa, percebi que todos nós temos uma experiência em geral muito positiva em relação aos grupos Puri, no que diz respeito a tolerância e a aceitação da diversidade de gênero e sexualidade – com algumas exceções que, embora reflitam a atmosfera de um grupo ou outro, não são representativos da totalidade dos clãs de nossa etnia.



ALGUNS ASPECTOS DA COSMOLOGIA PURI

Os processos de silenciamento e etnocídio que acompanharam o genocídio descrito nas páginas anteriores dificultaram significativamente a transmissão das crenças, práticas religiosas e espiritualidades do povo Puri, assim como suas compreensões cosmológicas, sobre o mundo que habitavam e como habitavam, bem como suas percepções sobre o corpo, o sexo e seus modos de sociabilidade e organização social. Assim, buscarei agora recuperar o que sabemos sobre a cosmopercepção¹⁴ dos antigos puris e o que é vivido, praticado e interpretado por nosso povo na contemporaneidade.

Além dos humanos e dos outros animais, bem como da vegetação e da matéria de modo geral, o mundo puri também era habitado por três outras classes de seres: Dokôra, os Ñawera e os Taheantah. Dokôra é a deidade criadora, associado pelos europeus que tiveram contato com os puris com o seu próprio deus. O padre Francisco das Chagas Lima, que trabalhou num aldeamento do nosso povo, afirmou que os puris “crião 'que ha Deos, Author de todas as cousas; mas não davaõ culto”¹⁵ (*sic.*), provavelmente porque não conseguia perceber na espiritualidade puri uma forma de veneração à entidade. Provavelmente havia alguma associação entre Dokôra e o céu, visto que a palavra para céu é “Okôra”, o que não é estranho, uma vez que os astros - em especial a Lua (Petara) e as estrelas (Txuri) – tinham particular importância para a espiritualidade puri. Como nosso idioma não demarca gênero, não é possível saber se Dokôra era uma entidade masculina, feminina ou neutra, embora atualmente puris que buscam se relacionar com a entidade a percebam de diferentes modos, geralmente como neutra ou feminina.

¹⁴ Acompanhando a socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, prefiro esse termo a “cosmovisão”, mais usual, pois o último se centraliza no sentido da visão, que a socióloga entende como privilegiado pelas culturas europeias; enquanto “cosmopercepção” abrange também outras formas de perceber o mundo. OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

¹⁵ LIMA *apud* REIS, Paulo Pereira dos. Os puri de Guapacaré e algumas achegas à história de Queluz. **Revista de História**, [S.l.], v. 30, n. 61, p. 117-158, 1965. p. 141.



Os Ñawera parecem se assemelhar muito ao que diversos povos nativos denominam em português como os “Encantados”. Os puris que tiveram experiências com Ñawera relatam aparências diversas: alguns sonharam com essa entidade, outros o viram em visualizações, ou sentiram sua presença, e o descrevem como tendo a aparência de uma onça, ou de um corpo coberto por palha, ou até uma mescla de diferentes animais. Hoje, diversos puris associam Ñawera a espíritos da natureza, ou mesmo espíritos de pessoas que morreram em condições misteriosas ou no meio da mata, tornando-se parte dela, ou há tanto tempo que se tornaram parte do cosmos.

Taheantah, por sua vez, significa, de modo literal, “velho-avô”. É a palavra que usamos para nos referir aos ancestrais na nossa língua. Tutushamum e Txama Puri¹⁶ afirmam que os puris já possuíam uma forma de culto aos seus antepassados antes da invasão europeia. Hoje, muitos puris seguem religiões de matriz africana, como o candomblé, a umbanda e a quimbanda, e nessas religiões prestam culto também aos seus taheantah, seus ancestrais puris, inclusive havendo relatos de comunicação e incorporação de almas da nossa etnia. O povo buscava e ainda busca junto aos seus taheantah principalmente orientação, mas também auxílio, proteção e cura.

Contudo, além da veneração, também parecia haver uma forma de necromancia na feitiçaria puri. Uso do termo “feitiçaria puri” pois é assim que nossos ancestrais – e principalmente nossas ancestrais – foram denominados: como bruxas e feiticeiras (eu mesma já ouvi de familiares que a avó do meu avô era uma bruxa). Tutushamum e Txama Puri¹⁷ apontam para a existência de registros de feitiços realizados com ossos de pessoas mortas, de modo que os taheantah, aparentemente, também eram convocados para atacar, se vingar ou amaldiçoar inimigos. Um dos maiores exemplos disso é a história da maldição de Diamantina: conta-se que a cidade teria sido a amaldiçoada devido ao massacre cometido contra os puris que viviam na

¹⁶ PURI, Daniel Tutushamum; PURI, Mery Txama Xambé. **Txemím Puri: Povo Puri**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2019.

¹⁷ PURI; PURI, 2019.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



localidade; bem como o mito da serpente gigantesca que vive no subsolo formada do sangue dos puris assassinados na colonização.

Porém, não se deve pensar que apenas essas três classes constroem a espiritualidade puri. Eu as trouxe separadamente por sua particularidade em relação a outras tradições de fé, mas os seres animais, vegetais, minerais e os astros também faziam e fazem parte da cosmologia puri de diferentes modos, e não vejo motivos para crer que houvesse alguma forma de hierarquia que os diferenciasse dos Ñawera e Taheantah, muito pelo contrário. Opê, Petara e Txuri, isto é, sol, lua e estrelas, também tem uma importância imensa para a espiritualidade puri - como apontado anteriormente, a semelhança entre as palavras Okôra (céu) e Dokôra (deidade criadora) pode indicar uma associação entre a entidade criadora e o culto aos astros. Crianças eram apresentadas a Petara quando nasciam e as estrelas eram descritas como lugar de origem da Terra e das pessoas - tudo que existe é, na cosmologia puri, “poeira de estrelas” (o que me remete à expressão “Alkeh poteh”, que pode ser traduzida por “poeira de luz”), e como o “pó da terra” da mitologia judaico-cristã, é da poeira das estrelas que os puris vieram, e para lá retornaremos.

Entre os vegetais, as árvores de Sapucaia e a Acaiaca ocupam um lugar especial: a sapucaia oferece alimento e o seu coco é usado como utensílio, e o pós-vida puri é descrito muitas vezes como uma floresta de sapucaias, por exemplo. Inclusive, não há inferno em nossa cosmologia: citando mais uma vez o padre Chagas, “sabião que a Alma do homem hé immortal; porem se hallucinavaõ persuadidos que todas, apartando-se dos corpos na morte sem diferença de merito ou demerito, hiaõ para o ceo”¹⁸ (*sic.*). Além disso, há histórias sobre grupos puris que só foram derrotados após a derrubada de árvores de sapucaia ou acaiaca ao redor da qual se reuniam, pois estas lhes fortaleciam e lhes garantiam vitória nas batalhas. Por fim, entre os animais, se destacam o Gambá, a Onça, a Serpente e as aves de rapina (principalmente o Gavião e, na minha espiritualidade pessoal, o Urubu). Sangue de

¹⁸ LIMA *apud* REIS, 1965, p. 141.



gambá era usado nos batismos de crianças puris para fechar o corpo, e as onças inspiravam grafismos e seus dentes poderiam ser usados na fabricação de colares, para fins estéticos ou na criação de amuletos. Todavia, as serpentes são, provavelmente, a espécie mais paradigmática da cultura puri, aparecendo em grafismos, geralmente associadas ao universo feminino, em histórias, mitos e lendas, inclusive na contemporaneidade. Já citei o mito apocalíptico a partir do qual, do sangue dos puris assassinados na invasão europeia, nasceu uma serpente no fundo da terra, que um dia subirá para vingar o nosso povo.

O fato de a lua, as estrelas e a noite aparecerem muito mais nas conversas, nos ritos que chegaram até nós e nos registros documentais, parecem apontar para uma espiritualidade focada no período noturno. Os batismos, por exemplo, aconteciam sempre à noite, quando os recém-nascidos eram apresentados para a lua. A áurea de mística creditada pelas culturas ocidentais à noite pode ter contribuído para a associação da espiritualidade puri com a bruxaria, juntamente com o uso de sangue (em ritos e mitos) e, possivelmente, o uso de ossos e outras partes corporais, inclusive humanas, bem como a comunicação com as almas dos mortos.

O NOMADISMO COMO IDENTIDADE ÉTNICA

Como apresentado nas páginas anteriores, os viajantes e padres que tiveram contato com os puris no despontar da invasão europeia nos descreveram como “nômades”. O que significa, porém, ser um nômade? Por que esta palavra foi usada para definir o nosso povo? Em sua interpretação do pensamento nietzschiano, o filósofo francês Gilles Deleuze apresenta uma definição de nomadismo que me é interessante:

Com efeito, quando se investiga como as comunidades primitivas segmentárias deram lugar a outras formações de soberania, questão que Nietzsche coloca na segunda dissertação de *A Genealogia*, vê-se que se produzem dois fenômenos estritamente correlatos, mas absolutamente diferentes. É verdade que, no centro, as comunidades rurais estão presas e fixadas à máquina burocrática do déspota com seus escribas, seus padres,



seus funcionários; mas, na periferia, as comunidades entram noutra espécie de aventura, numa outra espécie de unidade desta vez nômade, numa máquina de guerra nômade, e se descodificam em vez de se deixarem sobrecodificar. Grupos inteiros que partem, que nomadizam: os arqueólogos nos habituaram a pensar este nomadismo não como um estado primeiro, mas como uma aventura que sobrevém a grupos sedentários, o apelo do fora, o movimento. O nômade com sua máquina de guerra opõe-se ao despota com sua máquina administrativa; a unidade nômade extrínseca se opõe à unidade despótica intrínseca. E, todavia, eles são de tal modo correlatos ou interpenetrados que o problema do despota será o de integrar, de interiorizar a máquina de guerra nômade, e o problema do nômade será o de inventar uma administração do império conquistado. Eles não param de se opor a ponto mesmo de se confundirem.¹⁹

Embora o filósofo instrumentalize essa definição para construir sua interpretação do pensamento de Nietzsche, quero retomá-la ao seu local de origem para pensar um grupo nômade em particular: o povo Puri. Como aponta Deleuze, o nômade existe em contraste com o despota - de modo semelhante ao “indígena” que existe em contraste ao “alienígena”, ou seja, povos nativos, em relação a povos que vem de fora; sejam invasores europeus, pessoas negras trazidas à força, ou mesmo migrantes, que vieram acreditando numa publicidade imperial em busca de melhores condições de vida, ainda que não as encontrasse, como as levas oriundas do continente asiático e outros grupos que vieram da Europa, mas que os europeus não reconheciam como tal, a exemplo dos povos ciganos.

Assim, o modo de vida tradicional do povo Puri, que não se fixava em algum lugar específico, não tinha nome na língua puri. Era apenas a vida, o jeito de se viver, e nesse sentido não havia por que nomear – é difícil pensar essa prática em categorias puris, pois os próprios puris não tinham categorias para ela, era simplesmente a vida. Contudo, com a chegada dos europeus e sua máquina burocrática, os padres tentaram fixar os puris nos aldeamentos: por isso reafirmo que é no contraste com a imposição de um sedentarismo forçado que os puris serão demarcados como nômades. Num primeiro momento, meus ancestrais até poderiam ingressar nos aldeamentos, mas eventualmente retomariam sua peregrinação. Por isso, os autores

¹⁹ DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 320.



da época acusavam os puris de serem “nômades por excelência”²⁰, pois se recusavam a permanecer fixos em uma única localidade, preferindo sempre a vida migrante. Nos unimos aos aldeamentos católicos, mas apenas momentaneamente, não de modo perene.

Todavia, o nomadismo dos puris e o sedentarismo europeu não eram apenas formas de organização econômica e social, mas reflexos de pressupostos ontológicos e epistêmicos distintos. Os portugueses buscavam fixar os indígenas num mesmo solo, no qual deveriam viver até o fim de seus dias; a seguirem uma mesma fé, para sempre, num único deus, que seria buscado em todas as ocasiões subsequentes; a se confirmarem a um único gênero, imposto desde o nascimento; e casarem com uma única pessoa, até que a morte os separem. Em contrapartida, o pensamento indígena também era nômade, e da mesma forma como transitavam entre diferentes lugares, diferentes espíritos, encantados ou ancestrais poderiam ser buscados a depender do momento, da situação ou do desejo de cada pessoa, um papel social poderia ser assumido e depois descartado, e os casamentos eram feitos e desfeitos com absoluta tranquilidade²¹. Histórias, mitos e lendas falam sobre pessoas se transformando em bichos, plantas e minerais, e vice e versa, se era possível transitar entre corpos de diferentes espécies, por que não entre corpos de diferentes sexos? De fato, há mitos que relatam tais mutações, registrados, por exemplo, por Betty Mindlin²².

Os nômades puris, entretanto, como levantado anteriormente na contextualização histórica, serão forçados a um longo processo de diáspora²³. Se antes a movimentação era uma parte da vida, acabou por se mostrar a melhor forma de evitar a violência colonial. Conforme a invasão, o genocídio e o etnocídio avançavam, os puris eventualmente se tornaram mais “fixos” em determinadas porções de terra; mas se o nomadismo já organizava o pensamento antes, de modo

²⁰ REIS *apud* REIS, 1965, p. 121.

²¹ Ver, por exemplo, FERNANDES, 2019.

²² MINDLIN, Betty. **Moqueca de maridos: Mitos eróticos indígenas**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

²³ RAMOS, 2017.



tão visível que até mesmo os colonizadores nos declaravam como “excelentes” nessa prática, a diáspora preservou, em partes, o nomadismo *como pressuposto ontológico e epistêmico*, ainda que em detrimento de outros elementos culturais, uma vez que as migrações foram incentivadas pelo avanço colonial, enquanto outros elementos eram perdidos. Afinal, como aponta Deleuze:

O nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos.²⁴

Embora a movimentação territorial tenha se tornado cada vez mais difícil, os puris não eram nômades só porque se moviam, antes organizavam o pensamento desta maneira. A diáspora forçada, por mais que possa ter levado ao silenciamento de outras tradições culturais, provavelmente fortaleceu o nomadismo, visto dialogar com ele. Assim, mesmo quando parados, os puris continuaram seu nomadismo. Forçados a adotar outras tradições de fé, outras formas de organização social, outras noções de corpo, sexo e gênero, não tiveram dificuldades em migrar entre religiões, sexualidades e identidades - mas, assim como nos aldeamentos, fizemos isso apenas de modo temporário, nos escondendo sobre narrativas de que éramos pardos, cristãos, heterossexuais, monogâmicos, cisgêneros e sedentários, até que, com os avanços dos direitos indígenas e LGBTQIA+ no país, pudemos re-existir e ressurgir como puris e dissidentes sexuais e de gênero. Desse modo, nos tornamos “[...] aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos”²⁵.

Deste modo, a palavra “tupang”, que figura nos vocabulários que registram a língua puri, era usada para designar os elementos da religiosidade católica. No vocabulário de Marcelo Lemos, ela designa “orar”; “padre”; “santo”; “cruz”; e “deus”.

²⁴ DELEUZE, 2005, p. 321.

²⁵ DELEUZE, 2005, p. 321.



Incorporado pelos puris, o catolicismo se tornou um lugar de migração, não porque abandonamos a nossa cultura, mas porque migrar faz parte dela – e, em parte, foi para preservar nossas tradições que migramos. Entre os puris hoje, é possível perceber uma forma “nomádica” de viver a espiritualidade. Muitos puris passam por diversas religiões, procurando aquilo que precisam ou desejam no momento. Há, entre os puris que entrevistei, com quem conversei e convivo, cristãos (católicos e evangélicos), mas também espíritas, candomblecistas, umbandistas, quimbandeiros, neopagãos e até mesmo uma puri taoísta. Além disso, práticas religiosas e/ou mágicas de diferentes religiões ou tradições de fé são utilizadas por pessoas do povo puri indiscriminadamente, ou sem que isso cause qualquer conflito com sua espiritualidade tradicional ou sua etnia, como o tarô, a ioga, ou o reiki, por exemplo.

E por que não migrar entre corpos e sexualidades? Em diversas entrevistas, ouvi pessoas dizendo que se identificam como “lésbicas” ou “gays” hoje, mas que acreditam veementemente que poderiam se apaixonar por pessoas de outros gêneros e viver outras relações em outros momentos - isso sem falar, é claro, naquelas que já se entendem bissexuais e/ou pansexuais. Também em relação aos gêneros, há pessoas que se identificavam como homens, mulheres ou com alguma forma de não-binaridade até o momento em que não se identificaram mais, migrando para masculinos, femininos ou neutros, sem que isso tenha se tornado uma questão no interior da etnia - pelo contrário, as pessoas não-binárias que entrevistei relataram ter seus pronomes respeitados inclusive pelos mais velhos, na contramão do que pensaram que poderia ocorrer.

CONCLUSÃO

Assim, neste texto, escrito a partir das reflexões que surgiram não só de minha própria experiência com pessoas e espiritual enquanto uma pessoa puri e LGBTQIA+, bem como de minha pesquisa de mestrado em andamento, apontar algumas possíveis formas de interpretação da resistência de pessoas puris LGBTQIA+ no campo de suas



espiritualidades. Para isso, apresentei uma contextualização histórica do povo Puri e nosso processo de etnogênese, seguido de alguns aspectos cosmológicos de nossa etnia e, por fim, alguns esboços de interpretações em diálogo com a forma como Deleuze define e compreende o nomadismo, entendendo-o como mais do que apenas uma organização social migratória, e sim uma forma de construção do pensamento.

Desse modo, quero esboçar o início de uma resposta a Deleuze: “E mesmo se a viagem for imóvel, mesmo se for feita num mesmo lugar, imperceptível, inesperada, subterrânea, devemos perguntar quais são nossos nômades de hoje, que são realmente os nossos nietzscheanos?”²⁶ Eu diria: *muito mais que os nietzscheanos, aqueles que já eram nômades e assim permanecem*. Enquanto o filósofo busca em Nietzsche e nos que hoje o leem um pensamento nômade, quero olhar para este pensamento entre os próprios nômades e seus descendentes. Além do mais, Deleuze percebe uma espécie de contra-cultura no pensamento nietzschiano – ora, o que poderia ser mais contracultural do que rejeitar a cultura “brasileira” hegemônica em prol de um outra, que crescemos ouvindo que está extinta?

REFERÊNCIAS

BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Os Puri**. Vitória: Editora Milfontes, 2017. (História dos Povos Indígenas no Espírito Santo).

DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FERNANDES, Estevão R. “**Existe índio gay?**”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-377.

²⁶ DELEUZE, 2005, p. 322.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



MINDLIN, Betty. **Moqueca de maridos: Mitos eróticos indígenas.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

OLIVEIRA, Tatiana Gonçalves de; COSTA, Henrique Antônio Valadares. Os Puri no sul do Espírito Santo: ocupação, territorialização e trabalho compulsório. **Habitus**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 462-475, 2019.

OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PURI, Daniel Tutushamum; PURI, Mery Txama Xambé. **Txemím Puri: Povo Puri.** Rio de Janeiro: [s.n.], 2019.

RAMOS, Melissa Ferreira. **Re-existência e ressurgência indígena: diáspora e transformações do povo Puri.** 2017. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017.

REIS, Paulo Pereira dos. Os puri de Guapacaré e algumas achegas à história de Queluz. **Revista de História**, [S.l.], v. 30, n. 61, p. 117-158, 1965.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WHITINUI, Paul. Indigenous Autoethnography: Exploring, Engaging and Experiencing 'Self' as a Native Method of Inquiry. **Journal of Contemporary Ethnography**, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 456-487, 2013.